

## ARTIGOS LIVRES

### Heróis da mudança? Paralelos entre Beowulf e Palamades

### Heroes of change? Parallels between Beowulf and Palamades

**André Sefrin Nascimento Pinto** ([aspin14@gmail.com](mailto:aspin14@gmail.com))  
Mestrando pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

#### Resumo:

Escritos em momentos diferentes da Idade Média europeia, o poema anglo-saxão *Beowulf* e a novela de cavalaria, em galego-português, *A Demanda do Santo Graal*, podem ser vistas como obras de transição de arquétipos heroicos e de costumes de suas épocas. Beowulf e Palamades, respectivamente, enfrentam perigos que seriam insuperáveis para o modelo de personagens ao qual ambos são contrapostos. Da mesma maneira, eles são confrontados por um antagonista temporário, pertencente ao arquétipo criticado, cuja antagonização é posta como reforço de que um novo modelo era necessário para lidar com as transformações de suas sociedades, como a nova cultura de corte dos reinos anglo-saxões reunidos sob a Casa de Wessex (Inglaterra), ou o dilema resultante dos confrontos entre cristãos e muçulmanos pelo Mediterrâneo.

23

**Palavras-Chave:** A Demanda do Santo Graal; Arquétipo de Herói; Beowulf; Literatura Medieval.

#### Abstract:

Written in different moments from the European Middle Ages, the angle-saxon poem *Beowulf* and the chivalric romance in Galician-Portuguese *A Demanda do Santo Graal*, can be seem like transition works to the heroic archetypes and conventions from their epochs. Beowulf and Palamades, respectively, face dangers that would be unsurpassable to the character model that both oppose. In the same way, they see themselves in front of a temporary antagonist, who belong to the criticized branch, whose antagonizing is made to reenforce that a new model is needed to deal with its social transformations, like the court culture from the Anglo-Saxon kingdoms reunited under the House of Wessex, or the dilemma resulting from the conflict between Christians and Muslims across the Mediterranean.

**Keywords:** A Demanda do Santo Graal; Hero Archetype; Beowulf; Medieval Literature.

#### Introdução

A transmissão de conhecimento letrado no Ocidente medieval traz consigo interessantes questões, nem sempre possíveis de serem respondidas, dependendo de cada caso. Por que justo esses textos foram registrados, copiados e por vezes até traduzidos para

outras línguas? Como se deu a evolução da história ao longo de suas reproduções? Outras vezes os questionamentos são acerca da suposta confusão dos episódios, sua falta de conexão e outras precariedades, como erros de grafia e retomada de partes da história contadas de outra forma, que dariam a entender que a versão registrada não era a original por, supostamente, não se encaixar no imaginário que se tem acerca daquele período histórico-literário. Essa falsa percepção é fruto do choque da forma como a transmissão da literatura se dá entre um período em que a escrita e a publicação são facilmente acessíveis, como na nossa contemporaneidade, e outro em que a confecção da manuscritos era muito cara, tanto pela escassez de copistas para esse trabalho quanto pelos custos do material, como no medieval.

Assim sendo, a literatura medieval passou por momentos diferentes de influência oral e escrita, sem que uma necessariamente substituísse a outra. Paul Zumthor (1993, p. 18-23) considera três momentos na oralidade desse período: a) um em que o texto escrito e o falado não se comunicam; b) outro que é misto, quando a escrita já está presente em certa escala; c) o de oralidade segunda, quando a cultura letrada influencia a forma de se expressar. Ainda o autor levanta também a importância de um método sólido no estudo de textos antigos, buscando entender quais seriam as expectativas do público original e as respostas que essas histórias traziam a elas, antes de se focar naquelas que nós mesmos fazemos a ele, o que no caso de *Beowulf* foi um problema que envolveu a obra por muitas décadas após sua redescoberta<sup>1</sup>.

24

O único manuscrito sobrevivente da *A Demanda do Santo Graal (DSG)* é do século XV, uma cópia feita por várias mãos de uma tradução que remonta ao século XIII ou XIV (Silva, 2011, p. 29). Ele está em galego-português, pertence a Biblioteca Nacional de Viena, constando como ms. 2594, sob o título *A Historia dos Cavalleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graal* e há um longo debate acerca das interpolações nele de outras obras relacionadas à matéria da Bretanha que não estavam presentes no texto base do ciclo *Vulgata*<sup>2</sup>. Esse período, por sua vez, é justamente aquele em que o ideal de cavaleiro de Cristo passa a ser difundido nas novelas de cavalaria (Silva, 2011, p. 42). Ademais, conforme Portugal se estabelecia na Península Ibérica, a sociedade e a corte de cristalizaram em um ideal militar de combate aos muçulmanos<sup>3</sup>, dando espaço para que a Ordem do Templo, e

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes, a sugestão é conferir *A Beowulf handbook* (Bjork, Niles, 1997), mas em suma se questionava a qualidade do poema, a existência de possíveis enxertos cristãos em uma obra pagã, assim como se tentou fortalecer um ideal de pangermanismo a partir de estudos da obra.

<sup>2</sup> Para mais detalhes desse debate, conferir *The Romance of the Grail* (Bognadow, 1966).

<sup>3</sup> No Portugal medieval, os muçulmanos eram conhecidos pelo termo mouro, que poderia ser usado como aposto antroponímico para quem não era cristão, embora fosse empregado mesmo para párocos ou para designar cativos. Por sua

posteriormente a Ordem de Cristo, se estabilizasse na região de forma mais duradoura que no resto do continente (Barbosa, 2010, p. 84-85).

Já *Beowulf* é um poema, originalmente sem nome ou título nos capítulos, do final do período anglo-saxão (séculos V ao XI) do que veio a se tornar a Inglaterra, ou seja, uma obra que abarca as transformações de vários reinos que haviam se convertido ao cristianismo. Ao mesmo tempo, eles se aprofundavam na transmissão escrita da cultura, embora que ainda incorporassem nela diversos aspectos da tradição oral germânica, com seus monstros, heróis e armas encantadas (Beowulf, 2022, p. 15). Quanto a autoria, a tendência nos estudos de *Beowulf* é de apontar um único artista que operou com elementos transmitidos e preservados na cultura popular, assim como, sua própria intenção (Neidoirf, 2022, p. 22-23), como será visto adiante. Assim como a *DSG*, seu original se perdeu, sendo sua cópia sobrevivente feita por dois copistas por volta do ano mil. Porém, sua trajetória foi um pouco mais turbulenta, desaparecendo dos registros histórico-literários até ser reencontrado no século XVI e quase destruído em um incêndio em 1731, para, enfim, ser entregue aos cuidados do British Museum, em Londres, nomeada ms. Cotton Vitellius A. XV (Niles, 1997, p. 2-3).

25

As duas obras que serão tratadas aqui contêm uma série de pequenas semelhanças, algumas bem concretas e outras mais teóricas. Tanto a novela de cavalaria (*DSG*), na versão *post-Vulgata*<sup>4</sup> galego-portuguesa, quanto o poema *Beowulf* são histórias que tratam de um passado mítico de outra terra e outros povos; suas transcrições sobreviventes foram feitas por mais de uma pessoa; os manuscritos dos quais foram copiados se perderam; ambas têm seres<sup>5</sup> impossíveis de serem derrotados sem a ajuda divina; após um período de esquecimento foram recuperadas em novas edições a partir do século XIX; desde então são amplamente estudadas.

A semelhança teórica, objeto de análise deste trabalho, é a presença de heróis que são construídos como um possível novo paradigma em suas contemporaneidades, em contraposição com o modelo que era vigente até então, que por sua vez é representado por outros personagens que não são necessariamente vilões. Esta pesquisa se dá a partir da leitura

---

vez, sarracenos era utilizado para muçulmanos que viviam para além dos limites do reino português, embora nos séculos XIV e XV o termo tenha se tornado um arcaísmo, valendo o termo mouro para todos os casos (Barros, p. 22-29). Entretanto, entre os estudiosos da *DSG*, é comum usar os termos sarraceno, mouro e muçulmano como sinônimos sem prejuízo de significado.

<sup>4</sup> A matéria da Bretanha é composta por dois ciclos clássicos que tentam organizar as diversas histórias relacionadas ao mítico reino de Artur. O primeiro é o da *Vulgata*, composta pelas obras *História do Santo Graal*, *Merlim*, *Lancelote* (em três volumes), *A Demanda do Santo Graal* e *Morte de Artur*. O segundo ciclo, chamado de *post-Vulgata*, retira o foco de Lancelote e sua trilogia, dando um tom muito mais religioso à história, em especial no caso da *DSG*, que é fortemente modificada em relação ao seu homônimo anterior.

<sup>5</sup> O termo no poema é *aglæca*, que não tem um equivalente preciso nos idiomas modernos. Mas por tanto Grendel, sua mãe e o dragão, quando a Besta Ladradora serem criaturas infernais, o termo monstro será usado como sinônimo para descrevê-los.

dos estudos apresentadas por Adriana Zierer, de cavalaria cortês e cristã, e de Leonard Neidorf com o poema *Beowulf*. Porém, o foco vai ser nos personagens Palamades e Beowulf, por vezes estabelecendo similaridades e oposições com outros personagens, mas sem aprofundar nos elementos que orbitam ambos e especificidades de outros personagens.

No poema inglês, a hipótese levantada é que *Beowulf* apresentaria características de uma vertente de histórias cortesãs. Isso não significa que a obra é uma antecipação das novelas de cavalaria do século XII popularizadas pela literatura francófona. O argumento é de que a cultura de corte já estava se disseminando pelo Ocidente medieval antes de ser codificada e idealizada pela literatura. Tanto que alguns dos elementos mais famosos dessas histórias não são encontrados no poema, como o amor por uma dama, cavaleiros e torneios. Mas questões de como se comportar nos ambientes aristocráticos, como se portar entre seus pares da nobreza, são bem exploradas pelo poeta, mais que os próprios confrontos com monstros e exércitos (Neidorf, 2022, p. 63-64).

Já no caso de Palamades, o Bom Pagão – um cavaleiro sarraceno e pagão, que inicialmente não faz parte da Távola Redonda e tem uma demanda<sup>6</sup> pessoal pela Besta Ladradora –, ele, assim como seu principal amigo e companheiro de armas, Galaaz – filho bastardo de Lancelote, é o cavaleiro perfeito das lendas arturianas durante o episódio do Santo Graal e parte essencial da evolução de Palamades na história –, é símbolo de um novo modelo de cavalaria, que se contrapõe ao cortês. A figura do cavaleiro cristão foi se tornando popular em Portugal com a *DSG* a partir do século XIII, como apontado por Zierer, em *Cavaleiros medievais entre a história e a literatura: Lancelot e Galaaz* (2018, p. 99-121), ao contrapor respectivamente, pai e filho como cavaleiro cortês, o modelo tradicional, e cavaleiro cristão, um novo ideal vinculado fortemente aos dogmas religiosos. O cavaleiro pagão, desde seu primeiro momento já apresenta características deste modelo. Ele se torna ainda mais interessante por, ao não ser perfeito como Galaaz, em alguns momentos ainda deixar transparecer algumas características da cavalaria cortês ao longo do seu arco, para em seguida serem superadas.

Estudar esses dois heróis um em face do outro acaba sendo uma forma de pensar como diferentes pressões sociais influenciam a construção de modelos literários. Comparando essas fontes, é possível ver realçar detalhes essenciais de um e de outro que poderiam passar despercebidos e tendências ao longo de uma temporalidade (Barros, 2014, p. 19-20), como a

---

<sup>6</sup> Na *DSG* uma demanda pode ser entendida como sinônimo para peregrinação.

utilização de monstros, antagonistas momentâneos, aliados poderosos que fazem parte do mesmo arquétipo e o auxílio divino no arco de Beowulf e de Palamades. Deixando de lado o debate acerca de quando exatamente *Beowulf* teria sido escrito<sup>7</sup>, a circulação de sua forma que nos é conhecida é de uma época em que a Inglaterra estava em-vias-de-ser, sendo reunificada sob a dinastia alfrediana, da Casa de Wessex. Ao sul da ilha, o Reino de Wessex foi responsável por resistir às invasões nórdicas iniciadas no final do século VIII e lentamente retomar o controle dos demais reinos devastados. A aristocracia anglo-saxã não estava mais pulverizada em diversas cortes, o que se refletiu em novas formas de socialização que se adequassem a esse presente de forma a manter a sua coesão.

Por sua vez, no século XIII, quando a matéria da Bretanha chega ao reino português, a sociedade real já estava estabilizada com a dinastia de Avis. A sua adversidade era em relação aos mouros que ainda habitavam a península ibérica e a existência de suas Ordens Militares, como a dos Templários no século XII e de Cristo no século XIV (Barbosa, 2010, p. 84), mesmo após a derrota da cristandade na Terra Santa de além-mar. Logo, um protagonista que representa os bons modos de convivência na corte, ou seja, cortês, acaba sendo essencial em um momento, mas posteriormente o seu modelo é preterido em razão de outro, arraigado no cristianismo, que vai antagonizá-lo. Esse processo de geração de um novo modelo de herói na literatura ocorreu, em cada uma das regiões aqui trabalhadas, sendo fruto de contextos de turbulência interna – ascensão da Casa de Wessex e da dinastia de Avis – e expulsão de um inimigo considerado invasor – os nórdicos no caso anglo-saxão e os sarracenos no português – por mais que esses grupos estrangeiros já estivessem assentados nesses reinos.

27

### **1. A Cortesia do Herói Geata**

O episódio de maior importância para a concepção de *Beowulf* como uma obra voltada ao bom comportamento na corte se dá na primeira metade do poema. Uma série de detalhes nas relações pessoais são esmiuçados, por mais que aparentemente não acrescentem nada significativo no desenvolvimento da narrativa. Isso não pode ser confundido como uma verbosidade do poeta porque ele não se aprofunda em outras especificidades dos personagens ou do ambiente. Mesmo os momentos de ação são breves, a luta contra Grendel dura dois

---

<sup>7</sup> Aqui fica novamente a indicação de A *Beowulf Handbook* de como se deu o estudo da temporalidade do poema na Alta Idade Média.

cantos (XI-XII), enquanto a primeira noite em Heorot, o salão do rei dos daneses<sup>8</sup>, Hrothgar, se estende por cinco (V-IX).

Ao chegar em Heorot, Beowulf, ainda um jovem geata<sup>9</sup> senhor de guerreiros, precisa seguir uma ritualística específica para demonstrar que é alguém confiável, que veio em paz e, uma vez acolhido, ele e seu bando precisam deixar seus equipamentos guardados. Wulfgar, arauto do rei, é quem os recebe e transmite ao monarca o desejo de Beowulf de conversar. O poeta ressalta que Wulfgar sabe quais são os costumes da nobreza ao se dirigir a Hrothgar, como se aproximar do rei para comunicá-lo acerca dos visitantes, ao invés de anunciá-los à distância, reforçando o argumento de que o poema busca enaltecer uma nova cultura de corte, em contraposição a praticada até então nos grandes salões dos senhores de bandos guerreiros. Neidorf (2022, p. 67-69) destaca como todos esses detalhes são importantes para diferenciar o poema de um conto de fadas, por mais que ele ainda se passe num passado mítico. Além disso, as palavras ditas pelos personagens são análogas ao que viria a ser usado nas novelas de cavalaria, como nas histórias de Gawain<sup>10</sup>

Da mesma forma, a riqueza do armamento dos geatas serve para certificar a posição social do grupo de Beowulf e agrada Wulfgar, sugerindo que no caso concreto, para além do poema, certos grupos eram expulsos ao se aproximarem das cortes anglo-saxãs. Tal enfoque destoa de outras histórias heroicas de fundo germânico, mas condiz com o que viria a ser utilizado na literatura cortês (Neidorf, 2022, p. 74-75). A riqueza também reflete na generosidade dos personagens – que serão adjetivados como “doador de tesouros” e “doador de anéis” –, posteriormente conceituada como *largesse*, uma prodigalidade de quem é rico em favor de seus protegidos, um tropo literário do século XII de combate à mesquinhez e avareza (Pastoureau, 1989, p. 48). Hrothgar, que se enquadra nos mesmos moldes de Beowulf como um personagem cortês, será generoso com ele após sua vitória sobre Grendel, até demais, conforme

[...] falou a senhora dos scyldingas:

“Receba esta caneca, meu nobre senhor, doador de tesouros. Você está cheio de alegria, dourado amigo dos homens, e para os geatas fale palavras gentis, assim como um homem deve fazer. Seja cortês com os geatas, tenha em mente os presentes que, de longe e de perto, você agora possui. Disseram-me que você desejava ter este guerreiro como seu filho. Heorot está expurgado, o brilhante salão dos anéis; aproveite suas muitas recompensas enquanto pode, e deixe para seus familiares o povo e o reino quando você precisar ver os desígnios da Providência. Eu

<sup>8</sup> Como explicado por Elton Medeiros (2022, p. 9), não é de bom tom equiparar os daneses históricos com a atual Dinamarca, por isso a preferência de “daneses” ao invés de “dinamarqueses”.

<sup>9</sup> Povo mítico do poema, localizado, por alguns estudiosos, na Suécia.

<sup>10</sup> Nome de Galvão nas versões inglesas da matéria da Bretanha.

sei, de meu adorável Hrothulf, que ele irá honoravelmente manter estes jovens se você, amigo dos scyldingas, deixar o mundo; antes dele, eu penso que com bondade iria retribuir aos nossos filhos se ele se lembrar de tudo o que nós, por sua felicidade e honra, realizamos anteriormente em sua juventude”. (Beowulf, 2022, p. 111)

Percebe-se que ela não vê com bons olhos a fala de seu marido de passar a considerar Beowulf como um filho, uma vez que ela já é mãe dos filhos de Hrothgar e confia que o sobrinho deles os respeitará e protegerá, caso seja necessário, em agradecimento ao acolhimento que vem recebendo – e o herói geata respeitosamente deixa essa questão de adoção como uma expressão superlativa, interessado mais tarde apenas, caso pereça no combate à mãe de Grendel que Hrothgar tome as devidas providências como se fossem de fato familiares. A expressão que Wealhtheow usa, “dourado amigo dos homens”, é repetida mais vezes no poema, porém sempre em referência ao rei dos daneses (Beowulf, 2022, p. 111, 133, 141); já Beowulf, no anúncio de sua morte será chamado de “doador das alegrias” (Beowulf, 2022, p. 237).

No final do poema, Beowulf, já um rei velho, sai para combater um dragão e é vitimado pelo monstro. Wiglaf, que o acompanhava junto com outros guerreiros que os abandonaram, após a morte do dragão, procura os desertores e não poupa críticas a ele, pois haviam sido presenteados com riquezas, terras e armamentos por seu rei e senhor. A desonra por tal traição é tanta que ele afirma que seria preferível morrer a cometer tamanho ato vergonhoso. Uma fala de Beowulf jovem, quando é anunciada a vingança da mãe de Grendel, corrobora com essa ideia. O herói dos geatas afirmou que uma vez que a morte é inevitável a todos, então o melhor que um guerreiro almejar é conquistar glórias enquanto ainda está vivo. A vingança por vezes era justa, quando combatia o assassinio criminoso e rivalidades intermináveis, ou seja, tinha razões éticas (Hill, 1997, p. 266-268). Da mesma forma, a vingança da honra de um companheiro de cavalaria seria justa nas novelas do século XII em diante, como é observado diversas vezes na própria *DSG*.

A contraposição de Beowulf é Unferth, que representa o modelo que era tradicional na literatura daquele período, em que o herói poderia acabar rompendo seus votos ou matando parentes, ou seja, um personagem com uma moral ambígua (Neidorf, 2022, p. XII). Ele era um guerreiro de prestígio na corte, tendo direito a ficar próximo do rei, e ao ver o surgimento de alguém que poderia prejudicar seu prestígio, por ser de grande valor, ele tenta desmoralizá-lo. Ambos travam um duelo verbal, que Beowulf vence por não ser alguém que mata parentes nem que quebra votos (Neidorf, 2022, p. 79-80). Ironicamente, no combate com o dragão seus seguidores não cumprem adequadamente o compromisso de proteção do rei. É verdade que

Beowulf em um arroubo de soberba tentou enfrentar a criatura sozinho, igual fez durante sua juventude contra Grendel e sua mãe, porém, ao menor sinal de perigo, todos menos Wiglaf o abandonam.

A disputa verbal demonstra também que não são apenas os valores do jovem senhor de guerreiros geata que são superiores aos do prestigioso danês, mas também a sua habilidade retórica, a escolha de palavras e a construção sintática, e política, uma vez que após encerrar a disputa, ele suaviza a tensão espelhando a expressão que Hrothgar havia anteriormente dirigido a ele mesmo para indicar distinção: “*meu amigo Unferth*”<sup>11</sup> (Beowulf, 2022, p. 61). A derrota de Unferth, sem derramamento algum de sangue, entretanto, não se restringe apenas a esse episódio. Após o ataque da mãe de Grendel, ao invés de se apresentar como agente de vingança para o conselheiro morto, ele cede voluntariamente sua espada a Beowulf, preferindo a segurança à glória de enfrentar um monstro. Esta passagem sela o embate entre a vertente tradicional da literatura heroica e aquela proposta pelo poeta de *Beowulf* (Neidorf, 2022, p. 81-82).

Outra característica importante do herói como uma pessoa cortês é de sempre trabalhar com sugestões quando trata de assuntos delicados. Ao invés de chegar na corte esbanjando arrogância de que estava lá para salvar os daneses das aflições causadas por Grendel, numa postura de “*salvador geata*” – parafraseando o termo “salvador branco”, utilizado em nossa contemporaneidade –, Beowulf vai informando os personagens lentamente seu desejo de enfrentar Grendel. Ao sentinela que primeiro recebe seu grupo na costa, no Canto IV e a Wulfgar, o arauto, no Canto V, ele diz ter uma mensagem ao rei Hrothgar; ao rei, no Canto VI, Beowulf afirma que foi recomendação dos sábios de seu próprio povo que oferecesse auxílio contra Grendel, pois anteriormente já havia se aventurado com sucesso contra outros monstros, e pede para realizar a empreitada sozinho e sem armas, para estar em igualdade com o inimigo da corte; mas, no Canto III o poeta narra que foi o próprio Beowulf quem tomou para si a tarefa de ir a Heorot para dar fim aos tormentos que afligiam o salão real.

Finadas as aventuras do guerreiro geata contra Grendel e sua mãe, Beowulf se despede no Canto XXVI da corte e reforça os laços de apoio com o trono danês, prometendo inclusive o apoio de Hygelac, seu tio e soberano dos geatas, caso o povo de Hrothgar se encontre novamente em perigo. Ele também sugere que Hrethric, herdeiro do real, fosse visitar a corte dos geatas, onde seria bem recebido e teria muitos amigos com quem contar. Essa menção é

---

<sup>11</sup> No original “*wine mīn Ūnferð*”, como aponta Neidorf (2022, p. 82).

importante porque como citado anteriormente, *Wealththeow* conta com o apoio de seu sobrinho, *Hrothulf*, na proteção de seus filhos quando *Hrothgar* morrer, caso eles ainda sejam jovens demais.

Andrew Scheil, ao estudar o aspecto da tragédia no poema, aponta que a forma como a relação entre tio, sobrinho e primos é apresentada implica que haverá uma guerra civil entre os daneses quando *Hrothulf* decidir usurpar a coroa. Caso *Beowulf* tivesse sido de fato atraído para a família real danesa, ele teria garantido que a linhagem direta de *Hrothgar* se mantivesse no trono, da mesma forma como ele buscou fazer posteriormente em sua própria terra, quando *Hygelac* morreu e *Hygd* ofereceu o trono a ele por não confiar nas capacidades do próprio filho, herdeiro legítimo, de governar (Scheil, 2022, pp. 68-71).

## **2. O Cristianismo do Herói Sarraceno**

O personagem de *Palamades* pode ser sistematizada em três momentos na *DSG*. primeiramente como uma figura um tanto misteriosa, sempre atrelada à sua demanda pessoal pela Besta Ladradora, a assassina de seus irmãos. Originalmente, na matéria da Bretanha, este monstro, uma caça do rei *Pelinor*, mas nesta obra ela serve não só como aqui-inimiga de *Palamades*, mas também, como aponta *Lênia Mongelli*, é o símbolo do deterioramento da espécie humana, representando tanto o pecado quanto o seu resultado naquele que o pratica. Desta forma, a Besta Ladradora serve como uma provação coletiva aos cavaleiros arturianos de combater o Mal encarnado, ainda que sem forma descrita, e apenas após a sua erradicação é que se tornou possível chegar ao fim da demanda pelo Santo Graal (1995, p. 97-98). Essa criatura diabólica foi gestada por uma donzela que fez um pacto com um demônio e acusou falsamente seu irmão de a ter violado, condenando-o a ser devorado vivo por cães – algo que irá refletir nos sons que saem de dentro da monstruosidade, dando origem ao seu nome (Demanda, 2008, p. 567-571).

O interesse dos cavaleiros da Távola Redonda (também chamada de Mesa Redonda, uma Ordem Militar formada pelos melhores cavaleiros da corte do rei Artur) pela Besta Ladradora incomoda o cavaleiro sarraceno, que, incapaz de convencê-los a deixar a caça dessa aventura de lado, precisa sempre derrotar os guerreiros de Artur em combate. Entretanto, sempre fica claro que *Palamades* não sente prazer algum nesses conflitos, ao ponto que em seu primeiro conflito com *Galvão*, sobrinho do rei Artur, ele expressa seu cansaço

quanto a esses enfrentamentos afirmando que apesar do bom senso há tolos na Ordem arturiana. Questionado com o que pretendia acusar com tal fala, responde:

– Por Deus – disse ele –, eu o digo por causa de vós e dos sandeus que entrastes na demanda do santo Graal e nenhum de vós pode dela dar cabo e não tendes também agora dela senão vergonha; e com aquela demanda na qual nada fizestes de que vos venha honra, começais outra demanda. Não é isto sandice grande sobejo, que deixeis o que haveis começado e vos metais em demandas que os cavaleiros estranhos têm mantido há tanto tempo? E não seria melhor dardes antes cabo à demanda que começastes do que vos esforçardes por outra? Sois daqueles que a todas as coisas acabar se intrometem e de cada coisa desistem com desonra. (Demanda, 2008, p. 522)

Todos os cavaleiros da Mesa Redonda haviam jurado manter-se na demanda do santo Graal até que ele fosse encontrado ou que a aventura se mostrasse impossível de ser concluída. A reprimenda serve tanto como um aviso de que eles estão quebrando com seu voto quanto para ressaltar a diferença do modelo de ambos. Enquanto para um representante da cavalaria cortês, como Galvão, o sucesso dentro de um tempo razoável é essencial ao seu valor, tanto que ele e a maioria de seus companheiros de Ordem que não perecem nessa jornada abandonam silenciosamente a demanda, conforme se frustram com a sua dificuldade. Para Palamades o tempo não é um problema ou motivo de vergonha, pois em uma demanda tão árdua quanto a da Besta Ladradora, é compreensível que a conclusão exija paciência e persistência, tanto que ele já estava há anos perseguindo-a.

32

O segundo momento, que com o avançar da obra vai ocorrendo simultaneamente com o primeiro, diz respeito a relação de Palamades com os demais personagens em contextos que não envolvem a Besta Ladradora. Aqui seus lapsos de cavalaria cortês costumam aparecer, como seu lamento pelo amor não correspondido por Isolda, sua participação no resgate do rei Artur do cerco feito pelo rei Mars e os soissons. Neste episódio ele faria parte do grupo de Galaaz, Esclabor, seu pai, e Artur, o Pequeno, filho do bastardo do rei de Logres, mas fica indignado por Galaaz não o contar como um deles quando se aproximavam do cerco, por considerar que a importância da missão exigia uma equipe em harmonia com Deus. Dessa forma, Palamades passa temporariamente ao lado dos sitiados, até ver seu pai ser derrubado pelo próprio rei Mars. Por conta do valor dele como cavaleiro, Galaaz se vê obrigado a salvá-lo da fúria dos cavaleiros invasores, por mais que o paganismo do sarraceno fosse abominável para ele.

No caso de Isolda, por mais que sofra, ele não tenta conquistá-la para si, respeitando os sentimentos da jovem por Tristão. Este, entretanto, não admite que alguém possa amar sua dama e vai atrás de Palamades. O conflito entre ambos só se encerra porque o cavaleiro pagão

consegue que alguém interceda pelo fim do conflito, já que Tristão não queria aceitar a rendição de seu rival. E cego pela raiva, por não poder matar Palamades, que posteriormente ele se envolve em um conflito com diversos guerreiros e é salvo pelo cavaleiro da Besta Ladradora, que não guardava rancor algum por ele, e Galaaz. Essas passagens reforçam que Palamades já trazia todas as características de um verdadeiro cavaleiro de Cristo – isto é, todos os valores considerados sagrados para um combatente que estivesse a serviço da glória de Deus e não de ganhos pessoais –, só faltava aceitar o batismo católico.

Já o terceiro momento é quando ocorre sua conversão, feita de forma sincera, pois anteriormente o rei Artur havia tentado comprá-la antes oferecendo Camalote em troca do batismo, ao que Palamades respondeu, “Ai, senhor! [...] por Deus, não me rogueis isto, porque não há nada por que o fizesse agora, pois não concorda com isto o meu coração” (Demanda, 2005, p. 448). O momento mais significativo é a forma como diante da morte – Galvão havia tramado para que Galaaz matasse Palamades – ele não se dá por vencido, mas também não é por mera questão de honra. Se dar por vencido para evitar a morte seria vergonhoso, mas ser derrotado por um cavaleiro como Galaaz não. Antes do duelo o cavaleiro sarraceno já tinha expressado desejo pelo batismo ao entender, graças à argumentação de Esclabor, o quanto Deus tinha feito por ele, lhe concedendo dons marciais rivalizados por poucos, mas só o faria após enfrentar Galaaz, por mais que seu pai dissesse que a conversão seria razão suficiente para uma conclusão pacífica do conflito. Essa passagem pode ser vista como uma condicionante da personagem para a conversão: se sobreviver ao combate mortal se converterá. A leitura feita aqui, entretanto é outra: tendo vivido como pagão durante toda a sua vida, o batismo em hipótese alguma seria usado como ferramenta de barganha. Por mais que não tivesse seguido ainda a ritualística da conversão, Palamades já confiava sua vida aos desígnios divinos quanto a morrer como pagão ou cristão. Essa dinâmica em sua conversão reflete debates do século XII entre religiosos, se a conversão, ou seja, a salvação da alma de um pagão, deveria se dar por meio da violência ou da tolerância (Mongelli, 1995, p. 104). Um forte exemplo da importância desse debate é *O Livro da Ordem de Cavalaria*, de Ramon Llull (2010), que pregava que a conversão para o cristianismo não deveria se dar por vias bélicas, mas pelo uso da razão. A obra do filósofo catalão vai ao encontro das questões de conduta presentes na *DSG*, dadas as similaridades dos valores e vícios que ele explora em seu texto.

Agora batizado, ele se juntou à Ordem da Mesa Redonda e se aventurou em função da glória divina pelo resto dos seus dias. Junto com Galaaz e Persival conseguiu finalmente concluir sua demanda pela Besta Ladradora, a encarnação do Mal, assim como foi um dos

doze cavaleiros que pôs fim à busca pelo santo Graal. Ambas as façanhas só poderiam ser concluídas por cavaleiros que fossem profundamente cristãos, reforçando o ponto de que o personagem se encontra em um período de mudança de paradigma literário, como o defendido aqui, e acaba representa essa mudança. Os dois personagens que Zierer utiliza para tratar desses modelos literários demarcam bem a cavalaria cortesão e a cristã: Lancelote acaba sucumbindo novamente ao pecado por reatar seu relacionamento com a rainha Genevra e Galaaz consegue se manter puro, por mais que tenha se visto diante de conflitos morais. Palamades, por sua vez, mais do que ser o principal exemplo de uma ou outra, é o representante da mudança, é o caso que melhor demonstra o impacto que se alinhar aos preceitos divinos traz na vida de um cavaleiro e como demandas até então inalcançáveis se tornam realizáveis.

Da mesma forma que a cultura cortesã já se disseminava antes de ser representada na poesia e nos romances, o conceito de cavaleiro de Cristo é anterior à sua popularização nas novelas de cavalaria. São Bernardo já teorizava acerca dessa questão no século XII, no contexto de Cruzadas na Terra Santa, justificando a guerra contra os mouros como santa por visar o exterminar ao mal, mesmo que isso signifique o assassinato de outra pessoa. Desta forma, o *homicidium* é descaracterizado em prol da interpretação de que se estaria obrando em prol da fé cristã (Zierer, 2012, p. 39). Convertido graças aos argumentos de seu pai, Palamades completa o quadro de virtudes teológicas, ou seja, a caridade, a esperança e a fé – a última que faltava –, e de cardeais, a temperança, a justiça, a fortaleza e a prudência.

34

### **Considerações Finais**

Mais do que tomar a literatura como uma fonte que representa aquilo que a realidade de um determinado espaço, em um determinado período, de fato foi, é importante procurar no texto quais alternativas de mundo ele oferece, entendendo que o contato com ela não é puro, como se não existissem outros fatores que influenciam no seu entendimento e nas suas conexões (Guimarães, 2019, p. 136-137). A mensagem de um texto não existe como um ente isolado, como uma essência imaculável que pode ser acessada diretamente se forem utilizadas as ferramentas adequadas. O livro *A Beowulf Handbook*, editado por Robert Bjork e John Niles, demonstra isso muito bem, elencando em todos os seus capítulos uma cronologia das transformações nos estudos do poema sobre variadas temáticas nos séculos XIX e XX, antes de cada autor explicar os seus próprios estudos acerca delas.

Enquanto Beowulf, tanto o personagem quanto o poema, é analisado e interpretado constantemente, Palamades costuma ser apresentado como um caso emblemático, mas pouco aprofundado nos estudos relativos a *DSG*. A exceção que confirma a regra é a dissertação *O bõo pagão: a cavalaria de Palamedes em A Demanda do Santo Graal*, de Thalles Zaban (2013), que defende o papel da personagem como um caso de *exemplum* cristão dentro de uma obra de caráter profundamente evangelizador, em um contexto espaço-temporal em que a conversão cruzadística é presença constante (2013, p. 87-88). Ademais, o encaixe do personagem na história auxilia em parte as interpolações e transformações dos ciclos arturianos, já que ele não existia na versão *Vulgata*, surgindo apenas na época do *Tristan en Prose*, alterando algumas relações das lendas, tanto com as versões anteriores à sua criação quanto a partir dela. Exemplos disso são como a rivalidade dele com Tristão é transformada, uma vez que Palamades não busca mais superar o rival (Laranjinha, 2005, p. 252-257), e a forma como sua conversão se deu também é diferente. Enquanto na história de Tristão a conversão ocorre como uma mera aventura que aumenta o prestígio do cavaleiro pagão, de forma que Bogdanow acredita ter sido feito para sustentar os paralelos entre os dois cavaleiros (1966, p. 107-108), na *DSG* a cristianização de Palamades é o clímax narrativo, não apenas pela questão de *exemplum* defendida por Zaban, como também na transformação da narrativa, que passa a ser mais curta e direta, mesmo durante a estadia em Corberic, quando a demanda pelo santo Graal é concluída, relegando várias histórias a um livro fictício chamado Conto do Brado (Bognadow, 1962, p. 396-399).

35

A força do exemplo que ambos esses personagens passam através de suas histórias se torna ainda mais quando se compreende qual a diferença da abordagem deles e as anteriores. O guerreiro geata só consegue derrotar Grendel porque deu ao seu inimigo a cortesia de uma luta nas mesmas condições, sozinho e de mãos nuas, tanto que no início do Canto XII o poeta avisa que nenhuma arma poderia ferir o vilão, algo que era desconhecido pelos personagens. Da mesma forma com Palamades, a Besta Ladradora só poderia ser derrotada por um guerreiro fortemente religioso e amparado por Galaaz. O monstro que era sempre veloz demais para ser alcançado é finalmente encurralado quando Palamades conta com a companhia de Persival (que junto com Boorz e Galaaz forma a tríade dos mais sacros cavaleiros de Logres) e do filho de Lancelote. Enquanto ela não tem nenhuma moradia, descrita sempre correndo pelos arredores da história, e é a própria encarnação do pecado, Grendel habita regiões pantanosas e faz parte de uma linhagem malévola de criaturas descendentes de Caim (Beowulf, 2022, p. 27).

Em ambas as obras, mais importante do que a descrição física dos monstros é a do que eles representam, como apontado por Alvin Lee em sua pesquisa acerca dos simbolismos e das alegorias do poema (1997, p. 233-254), e como pode ser contraposto entre a Besta Ladradora da *DSG* e d’*A Morte de Arthur*, de Thomas Mallory, que compila todas as lendas arturianas sob suas mãos. Nesta não apenas a demanda é muito mais curta do que aquela contada na obra que circulou em Portugal a partir do século XIII, como descreve como seria esse monstro e não se preocupa em contar sua morte, mencionando apenas que Palamades continua a perseguindo após se batizar com o auxílio de Tristão (Mallory, 2021b, p. 240).

Retomando a questão das possibilidades de vida expressas na literatura, o momento histórico em que esses manuscritos foram produzidos é de importantes transformações. Durante o período alfrediano a sociedade anglo-saxã se reorganizava no que se tornaria a Inglaterra, com uma burocracia mais pujante e letrada do que o que foi visto até então na ilha. Assim, não é inesperado que para além das narrativas heroicas e piadas houvesse um atrativo para se trabalhar com o modo de se portar nos meios aristocráticos. Por sua vez, a chamada “*Reconquista*” havia sido finalizada no território português, mas ainda havia mouros vivendo dentro do reino e nas vizinhanças, já que nos territórios do que hoje é a Espanha as campanhas continuaram até o final do século XV, quando em Granada o último reinado muçulmano na península é conquistado pelos ibéricos. Uma cavalaria voltada aos projetos divinos correspondia aos anseios sociais de um reino profundamente ligado às Ordens Templárias, no âmbito militar, e à Igreja Católica, no campo administrativo. Portanto, cada um desses dois personagens serve aos anseios de ordenação social de círculos aristocráticos e religiosos, se utilizando de ferramentas que vão além do moralismo de sermões e legislações. Eles apelam para as paixões do público, para um ensino a partir de figuras carismáticas e inspiradoras. Seus heróis demonstram como uma vida sob determinadas regras é mais frutífera que a manutenção de comportamentos e tradições em vigor que se chocavam com seus ideais.

## 5. Referências

**A DEMANDA do Santo Graal.** Organização e português atualizado Heitor Megale. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Kátiuscia Quirino. **A imagem do cavaleiro ideal em Avis à época de D. Duarte e D. Afonso V (1433-1481).** Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de

Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/16894>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BARROS, Maria Filomena Loeps de. **Tempos e espaços de mouros**. A minoria muçulmana no Reino Português (séculos XII a XV). Tese (Doutorado em História). Universidade de Évora, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10174/11493>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BARROS, José D'Assunção. **História comparada**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

**BEOWULF e outros poemas anglo-saxônicos (Séculos VIII-X)**. Tradução, posfácio e notas Elton Medeiros. São Paulo: Editora 34, 2022.

BJORK, Robert E.; NILES, John D. (Orgs.). **A Beowulf Handbook**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

BOGDANOW, Fanni. The Spanish baladro and the conte du brait. **Romania**, Paris v. 83, n. 331, p. 383-399, 1962. Disponível em: <<https://doi.org/10.3406/roma.1962.2864>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BOGDANOW, Fanni. **The romance of the Grail**. Manchester: Manchester University Press, 1966. Disponível em: <<https://archive.org/details/romanceofgrailst0000bogd/mode/2up>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. A literatura medieval: entre a prosa e a poesia. In: SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Orgs.). **Ensaio de história medieval: temas que se renovam**. Curitiba: CRV, 2019.

HILL, John. M. Social Milieu. in: BJORK, Robert E.; NILES John D (Orgs.). **A Beowulf Handbook**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

LARANJINHA, Ana Sofia Figueira Henriques. **Artur, Tristão e o Graal: a escrita romanesca no ciclo do pseudo-Boron**. Tese (Doutorado em Licenciatura). Faculdade de Letras. Universidade do Porto, Porto, 2005. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/14296>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

LEE, Alvin A. Symbolism and Allegory. In: BJORK, Robert E.; NILES John D. **A Beowulf Handbook**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

LLULL, Ramon. **O livro da ordem de cavalaria**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2010.

MALLORY, Thomas. **A morte de Arthur**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. **Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur**. Cotia: Íbis, 1995.

NEIDORF, Leonard. **The Art and Thought of the Beowulf Poet**. Ithaca-London: Cornell University Press, 2022.

NILES, John D. Introduction: *Beowulf*, truth, and meaning. In: BJORK, Robert E.; NILES, John D. (Orgs.). **A Beowulf Handbook**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

PASTOUREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda**: França e Inglaterra, séculos XII e XIII. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989.

SCHEIL, Andrew. **Beowulf**: a poem. Leeds: Arc Humanities Press, 2022.

SILVA, Ademir Luiz da. O ideal cavaleiresco de São Bernardo em *A demanda do Santo Graal*. **Mirabilia**: electronic journal of antiquity and middle ages, n. 13, 2011. Disponível em: <<https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283120>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

ZABAN, Thalles Tadeu Brunelo. **O bõ pagão**: a cavalaria de Palamedes em *A Demanda do Santo Graal*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Espírito Santo, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3272>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. Virtudes e vícios dos cavaleiros n' *A Demanda do Santo Graal*. In: MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). **De cavaleiros e cavalarias**. Por terras de Europa e Américas. São Paulo: Humanitas, 2012.

ZIERER, Adriana. Cavaleiros medievais entre a história e a literatura: Lancelot e Galaaz. In: SILVA, Régia Agostinho da; BACCEGA, Marcus Vinícius (Orgs.). **Letras e veredas da história**: diálogos e convergências. São Luís: Café & Lápis; Edufma, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

**Artigos Livres**

Recebido em: 04 nov. 2024.

Aprovado em: 16 dez. 2024.